

A POESIA DA RELVA E O DEVANEIO DE UMA FOLHA

Fernando Müller Krebs¹
Norberto Perkoski²

RESUMO

Este artigo busca evidenciar a importância do texto poético nos processos cognitivos, subjetivos e emocionais do leitor de poesia, tendo como base os conceitos fundamentais da fenomenologia proposta por Gaston Bachelard. Para isso, apresentamos o projeto “Encontros com a Poesia”, vinculado ao *Grupo de Pesquisa Estudos Poéticos*, e como se dá o processo de pesquisa e elaboração do material utilizado nas atividades; expomos alguns dos principais aspectos estudados no decorrer da leitura da obra-em-progresso *Folhas de relva*, do poeta norte-americano Walt Whitman; refletimos acerca do principal referencial teórico de nosso grupo de pesquisa e, ao final, incluímos um devaneio poético – texto de caráter pessoal – provocado por alguns poemas do bardo americano ao longo das leituras realizadas, a fim de exemplificar os fenômenos descritos pelo filósofo francês.

Palavras-chave: Poesia. Fenomenologia. Gaston Bachelard. Devaneio. Walt Whitman.

ABSTRACT

This article aims to demonstrate the importance of poetic texts in cognitive, subjective and emotional processes of the poetry reader, based on the fundamental concepts of phenomenology proposed by Gaston Bachelard. In this regard, we present the project "Meetings with Poetry", linked to the *Poetic Studies Research Group*, and in which way the process of research and preparation of the material used in activities occurs; we expose here some of the main aspects studied during the reading of the lifelong work-in-progress *Leaves of grass*, of the American poet Walt Whitman; we also reflect about the main theoretical reference of our research group and, at the end, we have included a poetic reverie - text of personal creation - originated by the reading of some peculiar poems of the American bard, in order to illustrate the phenomena described by the French philosopher.

Keywords: Poetry. Phenomenology. Gaston Bachelard. Reverie. Walt Whitman.

1 INTRODUÇÃO

“Encontros com a Poesia” é um projeto vinculado ao *Grupo de Pesquisa Estudos Poéticos*, coordenado pelo Prof. Dr. Norberto Perkoski, do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado da UNISC. Essa atividade consiste em reuniões semanais nas quais realizamos momentos de leitura, fruição e oralizações de sensações provocadas pelos poemas de vários sistemas literários. Nos últimos anos, os

¹ Graduando do Curso de Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. <fmkrebs@mx2.unisc.br>

² Doutor em Letras, Professor da Graduação e do Mestrado em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. <perkoski@unisc.br>

encontros junto ao público (a atividade é aberta à comunidade) têm acontecido sempre no segundo semestre, com média de dez encontros por módulo, cada um abordando a obra de um poeta específico e apresentando uma seleção poemática previamente organizada por um bolsista sob a supervisão do coordenador.

Apesar de os “Encontros com a Poesia” não visarem a debates acadêmicos e, sim, à fruição e à livre manifestação das impressões despertadas pelos poemas, os bolsistas participantes do projeto estudam, paralelamente, os principais conceitos relativos ao texto poético e seus desdobramentos, de acordo com a obra do filósofo francês Gaston Bachelard. Realizamos, ainda, reuniões quinzenais, nas quais o grupo de bolsistas e o coordenador discutem textos escolhidos para leitura, o que nos proporciona um maior entendimento a respeito de vários aspectos concernentes ao texto literário.

No ano de 2013, contemplamos os autores de língua inglesa. Abaixo, o cartaz de divulgação do XXIV módulo dos “Encontros com a Poesia – Poetas de Língua Inglesa”:

Figura 1 – Cartaz de divulgação dos “Encontros com a Poesia” – XXIV Módulo



Após a decisão de quais poetas seriam estudados, passamos à distribuição dos selecionados entre os bolsistas, cada um ficando responsável pela leitura de obras e a elaboração da seleção de poemas de um ou dois autores. Fiquei³ responsável pela leitura, pesquisa e pela preparação do material para dois encontros: sobre os poetas da Geração Beat e sobre o bardo norte-americano Walt Whitman, este reconhecido pelo crítico literário Harold Bloom (2001a) como o centro do cânone americano e considerado um dos principais responsáveis por alterar os rumos da poesia moderna, antes mesmo que os franceses Charles Baudelaire e Arthur Rimbaud.

No decorrer da leitura da obra poética de Whitman, que consiste em um único livro, *Folhas de relva*, escrito, reescrito e reeditado sete vezes ao longo de sua vida – a sétima, última e mais extensa edição, lançada no ano da morte do autor em 1892, foi nomeada com o subtítulo *Edição do leito de morte* –, fui, em diversas oportunidades, tomado pelo fenômeno que Bachelard conceitua como repercussão-ressonância, que ocorre, nas palavras do próprio filósofo, quando podemos perceber, “pela repercussão de uma única imagem poética, um verdadeiro despertar da criação poética na alma do leitor” (1989, p. 7).

Ainda segundo Bachelard (1988), é da repercussão-ressonância que nasce o devaneio, ou seja, de uma forte impressão provocada por uma imagem poética vêm a vontade e a necessidade de o leitor não somente contar a experiência, mas escrevê-la, nem que seja para si mesmo, para registrar um momento de forte comoção e transcendência, um sentimento que o tira da rotineira noção de tempo e realidade, suspende-o do mundo aparente por alguns instantes e transporta-o para outras dimensões – afetivas, temporais, imaginárias. Bachelard nos diz:

Notemos, aliás, que um devaneio, diferentemente do sonho, não se conta. Para comunicá-lo, é preciso *escrevê-lo*, escrevê-lo com emoção, com gosto, revivendo-o melhor ao transcrevê-lo. Tocamos aqui no domínio do *amor escrito*. Essa moda está acabando. Mas o benefício permanece. Ainda existem almas para as quais o amor é o contato de duas poesias, a fusão de dois devaneios (1988, p. 7-8, grifos do autor).

O texto, que mais adiante integrará este artigo, é um devaneio escrito por mim e originado não exatamente por apenas um poema de Walt Whitman, mas por uma crescente sequência de poemas que atingiu o ápice de uma repercussão-ressonância enquanto eu lia “Perto da casa dos mortos” (*The city dead-house*⁴), poema que aparece na edição do leito de morte e não faz parte da edição original de *Folhas de relva*.

³ Esclarecemos que o presente artigo foi escrito na 1ª pessoa do singular e na 1ª pessoa do plural, devido a relatar não somente as atividades do grupo, mas também as experiências pessoais do bolsista.

⁴ Os poemas originais, em inglês, da *Edição do leito de morte*, foram pesquisados em *Leaves of grass* (1998).

O estudo da obra de Walt Whitman foi realizado com a leitura das duas edições mais importantes de sua única e emblemática obra poética: *Folhas de relva*, a primeira edição, lançada em 1855, e *Folhas de relva*, edição do leito de morte, de 1892, juntamente com os prefácios e posfácios que acompanham as duas edições brasileiras, assim como através de consultas em sites da internet (principalmente, o site oficial do poeta, *The Walt Whitman Archive*. Além da elaboração do material para a realização do “Encontros com a Poesia” dedicado a Whitman, esse aprofundamento em sua obra foi de fundamental importância para a produção do trabalho que apresentei no XIX Seminário de Iniciação Científica, no qual expus as principais características da poesia do poeta norte-americano, focando, sobretudo, nas mais marcantes diferenças formais (técnica, estrutura e estilo) e temáticas percebidas entre a primeira e a última edições.

2 UMA CAMINHADA ENTRE AS FOLHAS DE RELVA DE WALT WHITMAN

Foi no mês de julho de 1855 que os primeiros dos 795 exemplares da edição original de *Folhas de relva* apareceram em poucos lugares (na verdade, pouquíssimos: apenas duas livrarias em Boston e, mais tarde, uma em Manhattan). A maior parte dos livros foi enviada a escritores e pessoas do meio literário. Devido às temáticas incomuns aos padrões poéticos da época, sobretudo no que se referia a sexo e erotismo, “o escândalo da primeira edição do livro foi grande, sendo Whitman demitido do seu modesto emprego público e a sua obra alvo de perseguições policiais” (CARPEAUX, 2011, p. 2053). No entanto, o livro de Whitman não foi alvo somente das acusações de devassidão e imoralidade; críticos também execraram suas inovações formais e técnicas, além da linguagem utilizada ao longo dos versos, dizendo que tratava-se de um autor descuidado e inocente, um grosseiro que não tinha conhecimento sobre a criação literária (LOPES, 2005).

O parágrafo acima serve para termos uma ideia do impacto que a primeira edição de *Folhas de relva* provocou na sociedade norte-americana no início da segunda metade do século XIX, principalmente nos meios literários e de comunicação, devido à pequena tiragem de exemplares e à resistência dos leitores comuns a uma concepção inovadora de poesia. Salvo as recepções entusiásticas dos pensadores transcendentalistas Ralph Waldo Emerson e Henry David Thoreau, como costuma ocorrer na maioria dos casos, o gênio de Walt Whitman só seria reconhecido décadas mais tarde.

2.1 A poética das folhas na edição original⁵

Considerado a declaração de independência da poesia americana e responsável pelas grandes inovações temáticas e formais que viriam a despontar no Modernismo ao redor do mundo, o livro de Whitman já trazia estampado na capa um título que simbolizava a revolução poética que propunha e continha: *Folhas de relva* (gravado em relevo, com o desenho de várias formas de relva saindo das letras, sobre um fundo verde-musgo). Estava aí o primeiro sinal da poesia orgânica, livre, selvagem, que seria apresentada e se expandiria ao longo das páginas, como a relva que cresce e se espalha sobre o solo. Whitman concebia suas palavras e sua linguagem numa expansão contínua, sempre em processo, sempre a caminho. Como a vegetação que cobre a terra incessantemente, o poeta queria seus versos tomando conta das folhas em branco que compunham o livro, cobrindo-as com novas formas e significados, tanto que, para que isso fosse possível, essa expansão das linhas sobre o papel, o livro foi pensado e publicado em tamanho maior do que o padrão da época.

A edição original abre com um longo prefácio, ou ensaio introdutório, no qual o poeta norte-americano apresenta uma espécie de resumo da sua poética, da sua visão de mundo e do papel que os poetas devem representar na sociedade. A prosa desse texto beira a poesia, alternando passagens prolixas e momentos brilhantes. Escrito na primeira e terceira pessoas, também é explicitada aqui a ideia de expansão, por meio de inúmeras reticências, como se fosse a relva, assim como nos poemas, expandindo-se sobre o papel. O ideal de poeta como o incorporador de tudo é ressaltado ao longo desse texto, assim como um discurso em tom nacionalista. Whitman realmente carregava essa ambição, de ser o poeta de uma “nova” América e, para isso, considerava fundamental a fundação de uma nova poesia, legitimamente americana e não somente reprodução dos padrões europeus. Grande parte do conteúdo desse prefácio deu origem a novos poemas que apareceram nas edições seguintes do livro.

No que se refere às principais características e inovações temáticas presentes na edição de 1855, destacamos os anseios de liberdade e democracia (os EUA estavam preocupados com o crescimento econômico e político e não com a criação artística); a união dos contrários (o corpo e a alma, o público e o privado, o masculino e o feminino, o humano e o *kosmos*⁶); as liberdades individual, sexual, política, poética e de linguagem; a preocupação com as questões de seu tempo (a escravidão, o fluxo de imigrantes, a formação da identidade da nação); a

⁵ Salientamos que a maioria das informações desta seção foi extraída dos estudos de Rodrigo Garcia Lopes (2005, p. 292-313), presentes no prefácio da edição brasileira de *Folhas de relva* – a primeira edição.

⁶ Mantivemos a grafia de *kosmos* (e de *kósmico*, mais adiante) com “k”, da maneira como Whitman as utilizava em seus poemas.

poesia para as ruas, para os espaços abertos, em linguagem simples, acessível a todas as pessoas, sem distinções; os temas polêmicos e incômodos à sociedade conservadora (sexo, homossexualismo, religião, autoerotismo, racismo, metempsicose). Enfim, dentre outros aspectos temáticos, antes de Rimbaud (“Eu é um outro”), Whitman já cantava ao mundo que seu “eu” era todos os outros (inclusos aqui seres, plantas, mares, a Natureza e o Universo).

Quanto às características e inovações formais, não há dúvida de que o verso livre é o principal legado formal deixado pelo bardo americano. Seus versos fogem aos “padrões métricos, prosódicos e de rima da poesia europeia” (LOPES, 2005, p. 297). É o verso livre que possibilita a Whitman desenvolver grande parte de sua concepção de poesia. A ideia de movimento, de linhas de fuga esparramando-se sobre as páginas; o pensamento não-linear, que cresce e diminui de acordo com a vontade do poeta (o que permite a expansão da consciência) e não com padrões métricos preestabelecidos; a fusão de prosa e poesia (críticos acusaram Whitman de não escrever poesia, pois seus versos não tinham forma poética); a experiência da música e os improvisos virtuosos típicos da linguagem musical (Whitman era apaixonado por ópera). A importância do verso livre em Whitman também é refletida sob o ponto de vista temático, retornando à analogia entre a relva e a linguagem: mais uma vez, é a natureza selvagem que surge sobre as folhas de papel, absorvendo tudo o que diz respeito à existência, expandindo territórios, sem impedimentos formais. A ideia (ou o ideal) de liberdade é constante e perpassa toda a obra whitmaniana, tanto nos aspectos técnicos, quanto nos temáticos.

Apesar de Whitman explicitar seu desejo em não seguir os padrões estéticos europeus, muitas características estilísticas tradicionais são utilizadas na composição extremamente musical de seus versos. Aliterações e assonâncias (som das consoantes e das vogais, respectivamente); paralelismos (uso de uma mesma estrutura sintática que, por meio da repetição, fornece ritmo e reiteração – técnica que data das culturas ancestrais, de busca pelo êxtase, transe ou estado místico da consciência); técnica de catálogos (colagem de imagens ou ideias, semelhantes ou não, formando uma legítima “lista”); vasto vocabulário (Whitman utilizava palavras de várias línguas, culturas, ciências, assim como onomatopeias, gírias e expressões populares); criação de imagens (a capacidade de narrar cenas, contar histórias – como no poema “Havia uma criança que avançava”); retórica rapsódica (o falar/cantar/contar o poema – Whitman recitava seus escritos e era fascinado pela oralidade do texto).

Com o passar dos anos e com as sucessivas reedições de *Folhas de relva*, os aspectos citados acima sofreram alterações, alguns ganharam força, enquanto outros foram atenuados.

2.2 A versão final das folhas⁷

A edição do leito de morte deixa para a história um Whitman mais contido, ainda revolucionário, lírico e provocativo, mas que cede um pouco às estruturas literárias convencionais. É impossível não destacarmos o caráter de obra-em-progresso que acompanhou todas as reedições de *Folhas de relva*. A começar pelo número de poemas: de doze, na edição original, para mais de quatrocentos, na derradeira. Whitman passou a vida inteira trabalhando e repensando todos os aspectos de sua obra-prima, fragmentando textos longos para originar novos poemas e dividindo alguns escritos em várias partes. Mais uma vez o que temos aqui é a manifestação de uma poética orgânica, indomável, em constantes processos de expansão e retração, de ciclos, de mutabilidade: a ideia da relva selvagem, diversificada e imprevisível, porém, mantendo uma unidade plural, como um verdadeiro organismo vivo.

Nessa edição o poeta atenua alguns trechos e temas polêmicos (mas sem se render aos censores de plantão – sua voz desafiadora permanece com grande força); divide o livro em seções, agrupando poemas de acordo com temáticas; tenta contar uma história, construir uma narrativa (em três possíveis partes: a primeira, mais pessoal, retratando o eu lírico do poeta; a segunda, com foco nas impressões despertadas pela experiência da Guerra da Secessão – à época da edição original, a guerra sequer havia iniciado; e a terceira, de miscelâneas e um tom lúgubre, de atenta observação da morte que se aproxima); compõe versos mais enxutos e poemas mais atentos à forma (o famoso “Ó capitão! Meu capitão!” é um belo exemplo).

O que podemos afirmar é que a edição final ganha em variedade e complexidade. Vemos um Whitman mais maduro e atento aos processos literários, tentando, até o último instante de vida, lapidar e estruturar o livro que deixará para a posteridade. No entanto, as fragmentações dos poemas e as divisões em seções diminuem a unidade e o vigor originais.

Não obstante, é inviável qualquer comparação que almeje definir qual das edições poderia ser considerada *a melhor*. Os dois livros foram escritos por diferentes homens, assim como somente um homem, povoado por muitos, originou uma única obra, múltipla, e que ainda ecoa o “grito bárbaro sobre os telhados do mundo” (WHITMAN, 2005, p. 129), quase 160 anos após seu primeiro lançamento.

⁷ Nesta seção, utilizamos como fonte de pesquisa a introdução de Bruno Gambarotto (2011, p. 9-22) à edição brasileira de *Folhas de relva*: edição do leito de morte, assim como os estudos de Lopes (2005), citado anteriormente.

3 A FENOMENOLOGIA EM BACHELARD – O ENCONTRO DOS “EUS”

O pensador que melhor ilumina as sensações e percepções que vivenciei como leitor da obra do poeta norte-americano é o filósofo Gaston Bachelard. Conforme o estudioso francês, os mistérios desencadeados pela imaginação poética não podem ser explicados por racionalismos ou deduções científicas. É preciso que sejam esquecidas, postas de lado, todas as bases e análises filosóficas acerca da poesia. Fundamental é a presença do sujeito/leitor no exato instante da imagem:

se há uma filosofia da poesia, ela deve nascer e renascer por ocasião de um verso dominante, na adesão total a uma imagem isolada, muito precisamente no próprio êxtase da novidade da imagem. A imagem poética é um súbito realce do psiquismo, realce mal estudado em causalidades psicológicas subalternas. Além disso, nada há de geral e de coordenado que possa servir de base para uma filosofia da poesia. A noção de ‘base’, seria desastrosa neste caso. Bloquearia a atualidade essencial, a essencial novidade psíquica do poema (BACHELARD, 1989, p. 1).

Antes de um maior aprofundamento na análise fenomenológica, o próprio Bachelard lança a pergunta:

Como esse acontecimento singular e efêmero que é o aparecimento de uma imagem poética singular pode reagir – sem nenhuma preparação – em outras almas, em outros corações, apesar de todas as barreiras do senso comum, de todos os pensamentos sensatos, felizes em sua imobilidade? (BACHELARD, 1989, p. 3).

O filósofo francês aponta que essa transubjetividade da imagem não pode ser compreendida por meio de referências objetivas, pois a imagem poética é variacional, e não constitutiva: “Em sua simplicidade, a imagem não tem necessidade de um saber. Ela é a dádiva de uma consciência ingênua” (BACHELARD, 1989, p. 4).

O que é relatado no devaneio que acompanha este artigo é um exemplo dessas imagens poéticas que nos tomam por inteiro, atingindo dimensões que ultrapassam a racionalidade. Mais uma vez, é Bachelard, através dos conceitos interligados de repercussão e ressonância, quem melhor desvenda a situação do leitor envolvido intensamente pelas impressões despertadas por uma imagem poética:

As ressonâncias dispersam-se nos diferentes planos da nossa vida no mundo; a repercussão convida-nos a um aprofundamento da nossa própria existência. Na ressonância ouvimos o poema; na repercussão o falamos, ele é nosso. A repercussão opera uma inversão do ser. Parece que o ser do poeta é o nosso ser. A multiplicidade das ressonâncias sai então da unidade de ser da repercussão. Dito de maneira mais simples, trata-se aqui de uma impressão bastante conhecida de todo leitor apaixonado por poemas: o poema nos toma por inteiro. Essa invasão do ser pela

poesia tem uma marca fenomenológica que não engana. A exuberância e a profundidade de um poema são sempre fenômenos do par ressonância-repercussão. É como se, com sua exuberância, o poema reanimasse profundezas em nosso ser (BACHELARD, 1989, p. 7).

Um “poema pode congrega os devaneios, reunir sonhos e recordações” (BACHELARD, 1988, p. 10). É esse poder da imagem poética, essa espécie de magia transfiguradora capaz de despertar e unir potências até então armazenadas no aparente silêncio do inconsciente, o que cativa o leitor de maneira incomum, com intensidade tão arrebatadora que o coloca em outro estado de espírito, trazendo à superfície um sentimento muitas vezes difícil de ser racionalizado, uma mistura de emoções, memórias, crenças, vivências, sonhos, anseios etc. O *eu* do poeta conversa com o *eu* do leitor e, de certa forma, apresenta um *novo eu* – na verdade, não um *novo eu* e, sim, uma faceta ainda despercebida, latente, pronta para ser lançada ao campo das percepções conscientes, amálgama do encontro entre dois seres que dialogam através de diferentes tempos e espaços:

O devaneio poético nos dá o mundo dos mundos. O devaneio poético é um devaneio cósmico. É uma abertura para um mundo belo, para mundos belos. Dá ao eu um não-eu que é o bem do eu: o não-eu meu. É esse não-eu meu que encanta o eu do sonhador e que os poetas sabem fazer-nos partilhar. Para o meu eu sonhador, é esse *não-eu meu* que me permite viver minha confiança de estar no mundo. Em face de um mundo real, pode-se descobrir em si mesmo o ser da inquietação. Somos então jogados no mundo, entregues à inumanidade do mundo, à negatividade do mundo, o mundo é então o nada do humano. As exigências de nossa *função do real* obrigam-nos a adaptar-nos à realidade, a construir-nos como uma realidade, a fabricar obras que são realidades. Mas o devaneio, em sua própria essência, não nos liberta da função do real? Se o considerarmos em sua simplicidade, veremos que ele é o testemunho de uma *função do irreal*, função normal, função útil, que protege o psiquismo humano, à margem de todas as brutalidades de um não-eu hostil, de um não-eu estranho (BACHELARD, 1988, p. 13, grifos do autor).

Esse encontro de diferentes *eus*, proporcionado pela leitura de um poema singular, é desencadeado pelo fenômeno de repercussão-ressonância. Ambos, fenômeno e encontro, acontecem juntos e são os responsáveis por nos levar a essa profunda imersão do ser em uma nova (ir)realidade. Esse mergulho subjetivo é o que nos coloca em íntimo contato com uma dimensão afetiva até então adormecida e que vem à tona sem qualquer aviso prévio (a comoção causada pela imagem poética não pede permissão para acontecer, ela toma o leitor e lança sua alma para outras concepções de tempo e espaço, para uma espécie de ambiente refinado, sensível, distante da aparente realidade que o cerca na rotina do dia a dia). O sujeito encantado por esse *não-eu meu* do poeta, nas palavras de Bachelard, adentra em “mundos sonhados, os mundos do devaneio diurno” (1988, p. 14), assim,

Os devaneios cósmicos afastam-nos dos devaneios de projetos. Colocam-nos num mundo, e não numa sociedade. Uma espécie de estabilidade, de tranquilidade, pertence ao devaneio cósmico. Ele nos ajuda a escapar ao tempo. É um *estado*. Penetremos no fundo de sua essência: é um estado de alma. Dizíamos, num livro anterior, que a poesia nos proporciona documentos para uma fenomenologia da alma. É toda a alma que se entrega com o universo poético do poeta. [...] A alma não vive ao fio do tempo. Ela encontra o seu repouso nos universos imaginados pelo devaneio (1988, p. 14-15, grifos do autor).

4 UM DEVANEIO

Idas e vindas entre os versos da relva

Perto da casa dos mortos

*Perto da casa dos mortos da cidade, perto de seus portões,
Enquanto faço cheio de pensamentos meu caminho para longe do tumulto,
Curioso paro diante de, Oh, uma forma abandonada, uma pobre prostituta morta que
trouxeram,
Seu cadáver ali depositaram sem quem o reclamasse, na calçada de pedras úmidas,
A mulher divina, seu corpo, vejo o corpo, meus olhos estão somente nele,
A casa antes cheia de beleza e paixão, tudo o mais ignoro,
A imobilidade tão fria, a água que corre pela sarjeta, os odores mórbidos, nada me
impressiona,
Somente a casa – aquela casa maravilhosa – aquela casa de projeto delicado – aquela
ruína!
Aquela casa imortal, mais ainda do que todos os quarteirões de imóveis até hoje
construídos!
Ou do que o Capitólio e seu domo branco, de composição majestática e superada, ou
do que todas as antigas catedrais de torres altas,
Aquela casinha somente maior do que tudo – casa pobre, sem esperança!
Despojo claro e assustador – residência de uma alma – ela própria uma alma,
Sem quem a reclamasse, casa esquecida – tome a respiração de meus lábios trementes,
Tome uma lágrima que cai ao largo enquanto caminho e penso em você,
Casa morta do amor – casa de loucura e pecado, despedaçada, esmagada,
Casa de vida, que um dia riu e conversou – mas Oh, pobre casa, morta mesmo outrora,
Meses, anos, uma casa de adornos e ecos – mas morta, morta, morta.*

– Walt Whitman
(WHITMAN, 2011, p. 296-297)

Foi no ano de 2005 que, finalmente, travei contato com as *Folhas de relva* do bardo americano. Seu nome já constava, há uns cinco anos, em minha lista mental de autores a

serem lidos – guardado naquela seção especial do pensamento, aquela onde ficam as coisas que nos atraem com intensidade maior por algum motivo, coisas pelas quais temos uma espécie de pressentimento, como se já soubéssemos de antemão que *foram feitas para nós*, que conhecê-las é necessário e somente uma questão de tempo, de chegada do momento adequado. Não por acaso foi à época em que se completavam cento e cinquenta anos da publicação da edição original de *Folhas de relva*.

Folheando uma revista, vi e li uma matéria sobre o lançamento de uma nova edição brasileira, bilíngue, do livro original de Walt Whitman. De imediato, fui tomado pelo sentimento de que havia chegado o momento de (re)conhecer a poesia do bardo *kósmico*. Naquela mesma semana, encomendei o livro. Dias depois, estava comigo. Deixei-o quieto, ainda aguardando a ocasião ideal para o mergulho na leitura. Lembro que vivia dias agitados, corridos e que só iniciaria a leitura quando minha vida sossegasse um pouco – mais uma vez aquela sensação de comprometimento, ligação com a obra, como se adivinhasse o poder que ali estava contido (lembro de pegar e folhear o livro inúmeras vezes, como que provando, ansiando, enquanto aguardava a chegada do *momento ideal* – até que, finalmente, ele chegou).

Foi numa tarde de segunda-feira (e lembro disso porque escrevi algo a respeito, naquela época) que me sentei à mesa e, com a expectativa que precede às grandes descobertas, abri o livro e botei meus olhos sobre as linhas. A partir daí foi uma sucessão de alumbramentos e percepções diversas, desde o ensaio introdutório que abre a edição original até a última palavra do último poema. É impossível recordar e contar quantas vezes retirei meus olhos do livro, levantei a cabeça e direcionei meu olhar e meu ser ao horizonte (atravessando a janela da sala), tamanhas e inumeráveis foram as impressões despertadas pelos versos de Whitman. Houve momentos em que não conseguia sair de uma página, de um verso, tão fortes e significativas eram as imagens e sensações provocadas pelo poeta. Passei alguns dias completamente tomado pela poesia do bardo. Era impossível sair à rua e não enxergar o mundo com outros olhos – olhos extasiados e perplexos diante da amplitude da vida.

É muito difícil encontrar uma definição para os tipos de sentimentos que estão contidos em, e são despertados por, um livro como *Folhas de relva*. Whitman é o poeta universal por excelência; o que aborda todas as coisas, o que assume todos os lados, o que abraça todos os opostos. Há algo de profético, messiânico, e uma espécie de profana sacralidade em sua poesia. Um sentimento de totalidade, de humilde e orgulhoso pertencimento à realidade do mundo, da vida. Ao mesmo tempo, o que Whitman nos diz não soa como completa novidade, por mais profundo e impactante que seja, é como se fosse uma

sucessão de revelações, de conhecimentos e percepções que nos habitam desde sempre e apenas aguardam um desvelamento, como se alguém nos contasse segredos que já sabíamos, mas não havíamos nos dado conta, prestado atenção.

Desde esse primeiro e revelador contato, mantive constantes releituras e reencontros com os poemas de Whitman, sempre permeados por novas e espontâneas percepções (inumeráveis – relendo versos grifados, poemas inteiros ou trechos do prefácio). *Folhas de relva* tornou-se um de meus livros favoritos (talvez o livro preferido).

Em 2013, por ocasião do estudo de poetas de língua inglesa para os “Encontros com a poesia”, tive a oportunidade de reencontrar o velho Walt (e digo reencontrar porque era como se fôssemos ter conversas mais demoradas novamente, uma segunda imersão nas folhas de relva, e não somente as leituras esparsas que mantive desde 2005), pois imediatamente manifestei meu interesse em tê-lo como um dos poetas que pesquisaria. Havia também o fato de que, dessa vez, eu lia a *Edição do leito de morte*, a edição final, com todos os poemas deixados por Whitman, e que eu conhecia apenas superficialmente, ou seja, muitos poemas eram ainda inéditos para mim.

Iniciei a leitura. Devido ao tempo e aos compromissos rotineiros, lia somente algumas páginas a cada oportunidade e já começava a sentir mais uma vez aquele familiar poder dos versos de Whitman, aquele conhecido repercutir e ressoar que experimentara oito anos atrás. E assim prossegui, num lento reconhecimento, reencontro com as *folhas de relva*.

O que relato a seguir foi uma ocasião especial. Em meio a tantos alumbramentos e devaneios com as palavras do poeta, houve um dia, uma tarde em que estava em casa prosseguindo na leitura dos mais de quatrocentos poemas da *Edição do leito de morte*, em que os efeitos de alguns textos específicos se fizeram mais fortes.

Acabara de ler “Havia uma criança que avançava” (There was a child went forth) – poema presente na edição original e do qual gosto muito – e essa leitura já havia me deixado em outro estado anímico, devido à minha identificação com as imagens e ideias de Whitman sobre a vida, a natureza, a realidade das coisas todas, a ligação com os pais, a morte e, sobretudo, a forma como a criança do poema enxerga e percebe tudo isso. É um poema que quase sempre me toca e dessa vez não foi diferente. Na sequência do livro, li “Velha Irlanda” (Old Ireland), outro belo poema, que fala, metaforicamente, da antiga Irlanda que chora por achar que seu filho está morto, quando, na verdade, vive em outras terras, construindo um novo país.

O poema seguinte era “Perto da casa dos mortos” (The city dead-house), ainda desconhecido por mim. Já meio afetado pelas leituras anteriores, passei a esta. No poema,

Whitman descreve uma cena em que caminhava para longe do tumulto da cidade quando, em frente à *casa dos mortos*, avistou o corpo sem vida de uma prostituta largado na calçada. Aqui, outra vez, é muito difícil descrever o que senti enquanto lia (e era lido) pelo poema. Estive lá com Whitman. Vi aquele corpo, *aquela casa maravilhosa e aquela ruína*. Senti o que Whitman sentiu: a miséria e a grandeza daquele corpo, a vida e a morte juntas e separadas, a profana sacralidade presente mais uma vez, a fugacidade e a maravilha da existência... e como que num instante de *iluminação* (aquela que a poesia traz), lágrimas inundaram meus olhos ao longo do poema (ainda mais, pois elas já estavam presentes desde *a criança que avançava*), até o momento em que tive que largar o livro sobre a mesa e apoiar o rosto molhado nas mãos, com o olhar perdido no horizonte das janelas. Solucei. E chorei de verdade.

Não sei explicar o que há nesse poema (e em *Folhas de relva*) que possa ter desencadeado essa reação. Só sei que há. Há algo, uma espécie de sentimento de mundo e de vida, de percepção da efemeridade das coisas, de relatividade, de complementaridade entre os opostos, de união e aceitação, enfim, há algo *kósmico*, além das científicidades humanas. Algo que há em mim, havia em Whitman (ainda há: ele vive por seus versos) e há em todas as pessoas (talvez muitas ainda não o percebam, mas há, está lá, dentro). Um sentimento de humilde e orgulhoso pertencimento à existência, a esta vida e a esta terra, com todos seus processos de vida e morte, ciclos e relações, importâncias e transitoriedades.

Eu escreveria um livro e não conseguiria traduzir em palavras a relação que tenho com os poemas de Whitman, o que já senti e ainda sinto sempre que retorno às *Folhas de relva*. Há críticos que colocam o bardo americano como um tipo de homem iluminado, um ser à frente de seu tempo, carregando mensagens e ideias semelhantes às de um Buda ou de um Cristo (o aspecto messiânico citado anteriormente). Não sei se é esse o caso – e também não me importa saber. Só sei que o vejo como um mestre, um sábio, um espírito altamente evoluído e esclarecido, com uma visão de mundo que até hoje não foi compreendida por completo pela humanidade. Se me pedissem para dizer qual livro considero sagrado, sem dúvida, responderia: o profano *Folhas de relva*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das correlações que permeiam todas as etapas do processo por nós vivenciado, reafirmamos a profunda importância do contato do ser humano com o texto

poético e, conseqüentemente, ressaltamos também a relevância de um projeto que oferece ao público a oportunidade da livre fruição da poesia, sobretudo pela potencialidade emocional que esse tipo de texto silenciosamente reserva, sendo capaz de transportar o leitor a outros estados de consciência e de percepção da realidade, tanto a sua, interna, quanto a que o cerca.

Harold Bloom, ao encerrar um capítulo em que discorre sobre os porquês de lermos poemas, escreve:

A melhor poesia de Walt Whitman provoca impacto e identificação. A grande poesia perpetra em nós um grau de violência que a ficção em prosa raramente consegue (ou mesmo tenta) realizar. Para os Românticos essa era a verdadeira função da poesia: despertar-nos da letargia da morte, para um sentido mais pleno da vida. Não há razão melhor para ler e reler o que há de melhor em nossa poesia (BLOOM, 2001b, p. 135).

De certa forma, Bloom aproxima-se de Bachelard (1989) ao descrever o poder que determinados poemas contêm e que podem causar o afloramento de emoções até então adormecidas no inconsciente dos leitores. Numa tentativa de comparação, a *violência* e o *despertar da letargia da morte*, em Bloom, são semelhantes à *repercussão-ressonância* e à *função do irreal*, em Bachelard (1989; 1988). Ambos apontam para uma fuga do real, para dimensões além de nosso consciente cotidiano, salto esse que pode ser proporcionado pela leitura de um único poema e de fundamental importância para o desenvolvimento de nossas faculdades emocionais, mentais e espirituais.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. *A poética do espaço*. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BLOOM, Harold. Walt Whitman como centro do cânone americano. In: _____. *O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo*. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001a. p. 256-282.

_____. Poemas. In: _____. *Como e por que ler*. Tradução de José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001b. p. 65-135.

CARPEAUX, Otto Maria. A conversão do naturalismo. In: _____. *História da literatura ocidental*. São Paulo: Leya, 2011. v. 3. p. 1975-2068.

GAMBAROTTO, Bruno. Introdução. In: WHITMAN, Walt. *Folhas de relva*. Edição do leito de morte. Organização e tradução de Bruno Gambarotto. São Paulo: Hedra, 2011. p. 9-22.

LOPES, Rodrigo Garcia. Uma experiência de linguagem: Whitman e a primeira edição de Folhas de relva. In: WHITMAN, Walt. *Leaves of grass = Folhas de relva: a primeira edição (1855)*. Tradução e posfácio de Rodrigo Garcia Lopes. São Paulo: Iluminuras, 2005. p. 213-313.

THE WALT WHITMAN ARCHIVE. Disponível em < <http://www.whitmanarchive.org/>>. Acesso em: 14 out. 2013.

WHITMAN, Walt. *Leaves of grass*. Edited with an introduction and notes by Jerome Loving. New York: Oxford University, 1998.

_____. *Leaves of grass = Folhas de relva: a primeira edição (1855)*. Tradução e posfácio de Rodrigo Garcia Lopes. São Paulo: Iluminuras, 2005.

_____. *Folhas de relva*. Edição do leito de morte. Organização e tradução de Bruno Gambarotto. São Paulo: Hedra, 2011.